Ano 1.º — N.º 23

Guimarães, 26 de Agosto de 1916

# O REPUBLICANO

PROPRIEDADE DO Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR, António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tipografia Pires

REDACTOR PRINCIPAL, Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

# PARA A LUTA

DAKAR, BORDO DO «BEIRA»
24 DE JULHO.

Quando nós vinhamos entrando o porto, devagar, cautelosamente, cruzou comnosco o transporte «Ionie», bandeira francêsa ao vento. A *sirène* gritava, a espaços, rouca e aflitiva, como um grande animal ferido. A' prôa do «Beira» subiam as bandeiras de sinais que diziam — bôa viagem! Lá, no outro que partia para o mar e passava perto, ouviam-se agora distintamente as notas tristes dum clarim, cantando, numa surdina maguada, o «chant du départ». Sôbre o convés, sentados na amurada, empoleirados nos mastros, ocupando tôda a extensão do navio, iam soldados francêses, bater-se e morrer pela França, lá longe, na frente de batalha da Europa ocidental: êsses soldados eram negros da Africa francêsa, na maioria do Senegal. Todos êles diziam um adeus comovido á terra escalvada e ardente que os vira nascer, talvez no presentimento da morte próxima, na grande guerra dos «brancos», numa terra ignorada e diferente onde os levava o destino ou então no imenso tumulo do mar!

Do caes, onde nós iamos atracar nessa manhã de sol e de calor humedecido e sufocante, uma multidão profusa, as mulheres prêtas com seus panos multicôres e berrantes na luz crua, militares francêses vestidos de kaki e capacête branco, senhoras em *toilette* clara e leve, com a mesma incomparável elegancia que distingue em tôda a parte a mulher francêsa—uma multidão profusa saudava êsses bravos atiradôres senegalêses que partiam para a morte!

Não póde a Alemanha perdoar aos seus inimigos que chamem em seu auxilio povos duma raça diferente—indios na frente inglêsa, negros na frente francêsa. Não se coaduna com o orgulho militarista do Império a cooperação de *selvagens* numa luta a resolver entre *civilizados!* E' o caso da fábula—a rapoza e as uvas. Este preconceito não existiria se a Alemanha pudesse, como os aliados, ir ás colonias que foram suas tirar os enormes recursos em homens, em materiais, em mantimentos, em oiro.

O facto da França chamar para as trincheiras êsses milhares de negros, francêses tambem, enquadrando-os com os heroicos *poilus*, longe de sêr um acto vexatório, simplesmente denota o poder de organização do seu exército e dos seus serviços coloniais. A França dispõe dum exército menos numeroso que o alemão: compensa, em parte, essa falta recorrendo aos negros francêses que civiliza e dos quaes faz magnificos soldados, dum espirito guerreiro assombroso, e que, já por várias vezes, teem obrigado a recuar as linhas alemãs, em cargas dum *élan* irresistivel! Esta bravura é que a Alemanha, afinal, não póde perdoar á França... E a Pátria franceza, reconhecida para com êsses valentes, sem se preocupar com os preconceitos de côr mas recompensando apenas o heroe, no peito de muitos dêles tem colocado a gloriosa condecoração da «Cruz de guerra». Bem haja a França que sabe colonizar, civilizar e vencer!

MARIO CARDOSO.

## Lady Godiva

I

Certo conde normando, assolador e hirsuto,
Senhor tradicional duma cidade inglêsa,
Querendo um prato doiro a mais na sua mêsa
Lançara sôbre o pôvo um pesado tributo.

Não podia pagá-lo o burgo irresoluto:
Era a ruina, era a fome. E desvairada, acêsa,
A multidão rugia em frente á fortalêsa,
Com os filhos ao colo e coberta de luto.

Mas as portas de ferro, imoveis e pesadas,
Não se abriam. E o pôvo, erguendo as mãos crispadas,
Cançava-se a bradar, a uivar, a soluçar...

Caía a tarde. O sol quebrara a neve fria.
Ao sopé da montanha o burgo adormecía,
Como um cachorro áos pés duma arca tumular.

II

Dentro da fortalêsa, entretanto, rodeado
De dalmáticas doiro e capêlos vermelhos,
O conde rejurava á fé dos Evangelhos
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo o aplaudiu. Sómente, alva e loira, a seu lado
Se ergueu Lady Godiva; e prostrada de joelhos,
Defendendo condoída as crianças e os velhos,
Gemeu:—«Senhor! O pôvo é já tão desgraçado!

Porque o não libertais dêsse tremendo impôsto?»
Então o Conde olhou a espôsa, rôsto a rôsto,
E vendo-a casta, humilde, exclamou como um rei:

—«Liberto-o se amanhã tu fôres, rua em rua,
Sôbre um cavalo branco, inteiramente nua!»
Ela baixou o olhar e murmurou: —«Irei.»

III

Nasceu por fim o sol. Branca e nua —que importa,
Se é gloriosa a nudês quando se é casta e bela!—
Sôbre um cavalo branco, em redoirada sela,
Como quem atravessa uma cidade morta,

Godiva, no clarão divino que a transporta,
Os braços sôbre o seio, o cabêlo a envolvê-la,
Percorreu tôdo o burgo e foi de viela em viela
Sem que a visse ninguem, sem se abrir uma porta.

Revoavam-lhe, em redôr, bandos de pombas brancas;
E o sol, cobrindo doiro as suas róseas ancas,
Vestia-lhe a nudês de formas virginais...

Quando emfim regressou, loira, calma, modesta,
O barbaro senhor beijou-a sôbre a testa,
E os tributos dentão não se pagaram mais.

*Julio Dantas*

A quimica assassina... M. Job, professor do Conservatório de Artes e Ofícios publicou na *Revue Scientifique* um curioso artigo, que connecemos resumido num estudo de Georgés Bohn, sôbre a quimica do fôgo e dos explosivos. Para se avaliar:—Um quilo de nitroglicerina explodindo é susceptivel de elevar a uma temperatura de 3145.º os productos da reacção, e êstes encerrados num recipiente dum litro exercem sôbre as parêdes uma pressão de 9220 quilogramas por centimetro quadrado. Para medir tão grandes pressões os técnicos inventaram aparelhos de extraordinário engenho. O que ha de notável numa explosão é a rapidez com que ela se produz, mas ha diversos graus no instantâneo e dêles depende a qualidade de trabalho do explosivo. Se chegarmos o fôgo á extremidade dum cilindro de polvora B, do comprimento de 10 centímetros, a combustão puderá durár 10 segundos ao ar livre; e já um cilindro de algodão-polvora pode desaparecer num tempo cem mil vezes mais curto. No seio do explosivo, a explosão pode propagar-se com uma rapidêz prodigiósa: 7000 metros por segundo para o acido picrico pulverulento.

Dêsde o principio da guerra que os alemães ficaram admirados com o poder dos explosivos francêses. Os canhões que atravessaram o Rhêno, é certo, demoliam os mais poderosos fortes, mas os obuses francêses, como especialmente se notou em agôsto e setembro de 1914, semeavam a morte nas fileiras cerradas do invasôr, mesmo a grandes distâncias do ponto em que rebentavam. E coisa interessante—«viam-se grupos inteiros de homens imobilisar-se e morrer muitas vezes mantendo a atitude do combatente»—. Como se explica o mecanismo desta morte? Um obus que rebenta não mata sómente projectando bocados de metal que causam, penetrando no côrpo dos soldados, feridas mortais. Mata tambem produzindo oscilações formidáveis na pressão do ar. Num ponto dado a pressão do ar aumenta e deminue alternativamente, passando por vezes dum valôr igual a 40 vezes a pressão atmosférica a um valôr igual a uma fracção de atmosféra. Os tecidos dum sêr vivo que sofre semelhantes variações de pressão apresentam necessáriamente alterações que podem produzir a morte. Ha células e vasos que rebentam, curiosas anestesias e paralisias, nem sempre mas muitas vezes mortais, sem nenhum ferimento aparente. Reconheceu-se que, conforme as circunstâncias, os movimentos ondulatórios provocados pela explosão dum obus propagam-se sôbretudo ou segundo a direcção vertical, de baixo para cima, ou num plano horizontal, paralelamente ao sólo, sendo nêste caso os efeitos muito peores.

Alguns exemplos relacionados da barbaridade feroz dos alemães: M. Victor Henri, numa nota á *Societé de biologie*, refere que os alemães incorporaram venênos ou corrosivos nos projecteis. Nos obus de shrapnells, encheram os intersticios entre as balas com pólvora dum vermelho violáceo contendo até 97 por cento de fósforo, que, na maior parte dos casos, adere ás balas. Se, no momento da explosão do obus, o fósforo não se inflama, a polvora penetra nas feridas, mas é peor ainda se ha combustão: os oxidos de fósforo envenenam a ferida, cuja cura fica sendo extremamente dificil. Na maior parte dos casos dão-se necroses dos tecidos, do figado em particular.

O fôgo é um meio primitivo de ataque e de defêsa, que foi condenado formalmente pela Convenção de Haya. Mas, como sabem, os alemães recorrem a jactos de liquidos inflamados. Eis como uma testemunha refere o seu emprêgo na *Revue Scientifique* de 8 de julho dêste ano:—«Os assaltantes lançam primeiro, cêrca de 25 metros á sua frente, petardos que se incendeiam ao tocar o sólo e ardem um ou dois minutos. O jacto do *flammenwerfer* é então dirigido sôbre êstes fogos isolados que, alimentados pelo petroleo, alargam progressivamente até se encontrarem, formando assim reunidos uma cortina fechada de chamas que se elevam a quasi um metro de altura. Então um outro grupo de incendiarios avança e lança novos jactos de forte compressão. O petroleo assim projectado atravessa a cortina de chamas, inflama-se por sua vez e, seguindo a trajectória em grossa labareda, vai cair na trincheira visada, onde queima tudo que é combustivel e a torna insustentável.»—

Os gazes asfixiantes são tambem um método antigo. Foram empregados, 189 anos a. J. C., no cêrco de Ambracia. Os Ambracianos queimaram substâncias desprendendo espêssas fumaradas acres, que forçaram os assaltantes a abandonar o cêrco. Tito Livio conta factos analogos. Na Idade-Media o fumo do enxôfre foi muito usado. Não obstante os povos modernos os considerarem armas

indignas da civilização, os alemães não hesitaram em recorrer a nuvens de cloro, de bromo, de hipoazotido, de anidrido sulfurôso, de formol... que lançam sôbre as trincheiras inimigas.

*

E agora que terminâram os exames no Liceu de Guimarães, querêmos, com legitimo e fundamentado orgulho, constatar que o resultádo da 3.ª e 5.ª classes de instrucção secundária veiu confirmar, com raro e não igualado brilho, o já suficientemente demonstrativo êxito de aplicação e estudo alcançado nas outras pelos alunos do nosso Internato Municipal.

Damo-nos por contentes da arriscada empreza em que nos metemos, se muito por dignidade própria ofendida nessa vilissima campanha em que uns malandrões, hoje infestando outros lugares, trouxeram a público para gaudio e fartura dos invejosos, principalmente e acima de tudo por amôr a esta terra que nós teimamos, sem olhar a sacrificios, em vêr dotada dum estabelecimento de ensino que seja digno dela. E não são palavras vãs, as que estamos escrevendo. Tôdos podem verificar as condições onerosissimas em que tomamos conta do Internato e sabendo-se que, além da quota (3.200$00) de entrada e da renda anual, sustentando cinco alunos gratuitamente, fizemos consideráveis despesas, bastando citar uma só, a da mobilia do salão de estudo que nos ficou por cêrca de 500$00 escudos, e imaginando-se depois a que avultados sacrificios nos sujeitamos: com pouca frequencia, num ano de verdadeira crise de subsistências e num meio de vida dificil como é êste.

Ao Internato fômos dando, em concepção e direcção pedagógicas, que reclamam muito mais trabalho do que em geral se presume, o melhor dum fervorôso estudo, que sempre nos encantou. Mas faltava alguma coisa, o mais importante, e precisamente o que não tinhamos: tempo, paciência, aturada constância, fiel permanência.

Como poucas vezes na vida, desta feita tivemos sorte: encontramos o homem. Na verdade tivemos duplamente sorte porque encontramos os homens. O Conego Ribeiro, espirito inteligentissimo, um apaixonado educador moderno, disciplinador austero e suave que, ao mesmo tempo que obriga a andar metódicamente, é estimado pelos rapazes como um bom pai e amigo; José Caetano, honesto e diligente, que faz verdadeiros milagres de administração e que reunou as já honrosas tradições da casa, cuja excelência de tratamento é indiscutivel e comprovada.

A ambos um estreito abraço de leal camaradagem e reconhecido preito.

# EM FÉRIAS

## Da PENHA

Não sei tambem que romancista fialhesco e notável concebeu e delineou, com a maior vivêsa e o mais preciso fraseado, uma das páginas de mais relêvo, da sua obra vomitando, empanturrado por longa noite de estúrdia, nacos de queijo e golos de vinho Bucelas do alto de S. Pedro d'Alcantara sôbre Lisboa adormecida e roconcando em amorosa volupia, mas conheci bem de perto, em Coimbra, um fogôso orador que, na ceia de despedida duns companheiros do quinto ano, planeara, em dois minutos, chichisando, ao ritmo conjugativo do tema — a mocidade— com as rosas de Malherbe e a boëmia de Murger,— naquela valsa de misticismo dolente, —uma oração que, famosa, era, muito tempo depois, ainda relembrada com carinho e saudade ao entreabrir das sebentas.

Mas aqui estou eu, inda manhã cêdo, entre fragas asperrimas, deslumbrado pelo resplandecente bocejar da luz, arrastado na asa ligeira e no sonhador perfume do mais lindo sol, que não atino nem com jogos de palavras, nem com finuras de intendimento capazes, ao menos decentemente, de traduzir em apoucada linguagem a comoção rejuvenescente, o ardidamento do belo que tudo em minha alma infiltra, dêsde êstes primeiros, claros e luzidios raios que me beijam com languida e furtiva ternura na bôca, té ás vislumbrações diafanas da côr, e do som gorgeado por avesinhas em tôrno de seus ninhos. E' que não pude porventura ainda despir-me do ciceronismo fastiento com que nós tôdos, os mais verbalisadôres, homens de Guimarães, descrevêmos êste panorama que tem uma fôrça rubensiêsca na agreste penedia e as mais deliciosas côres de Ticiano, ainda inéditas no segrêdo da traducção sentida, lá para baixo no vale.

Não, para nós outros, a Penha é um lindo espectaculo, mas, por pouco sabido, muito resado embora em ligeiras palavras dum orgulhoso admirativismo, quasi nada coado dentro do nosso próprio coração. Ancestralmente, nós erguêmos os olhos, velados pela humidade do vale, ao ciclópico vulcão das penhas abruptas, gestos duma convulsão cosmológica e pavorosa, como alevantando, contra a onipotencia olimpica e contra a vaidade jupiterniana dos sois, o esfôrço inteligente, revoltado, enérgico— invencível á própria fulminação do raio, que lasca mas não destroi— da alma, da mísera, efémera e triste alma humana. E, recentemente, que mais lhe viémos acrescentar, num lugar tão favorável ao panteismo—o evolar do sentimento para tôdas as divinizações da beleza—, que uma apagada e chocarreiramente piegas escravização, qual a mitos?, a importunas figuras da nossa penúria mental, apenas com um vago colorido florescente na mariolatria, mas perfeitamente subalternas em tudo o mais?...

Chegado agôsto, cada um trata de seringar aos ouvidos reportáceos dos visinhos que vai feriar nas praias, dissertando os mais eruditos acêrca do apreciável efeito do ar iodonizado. Com efeito. Mas, apre!, é coisa bem afixada em casacas de homem e saias de mulher que, em tôda a costa litoral portuguêsa, mesmo nos superdeliciosos Estoris, o sobredito cujo mês é absolutamente varejado de impetuosas lufadas dum norte impiedoso, ventania constipante e dura que nem permite estação na praia, sôb o tôldo, e á noite fecha as gentes divertidas na atmosfera manhosa dum café namoriscante, a estragar os ouvidos com as chalaças duma música de pessimo gôsto e ainda peor cantada com as pernas e esperneada com a garganta.

Ao passo que, a poucos passos subidos, aqui ha o mais adequado clima, como repouso ou mesmo preparatório a um higiénico tratamento de banhos, que só tem descontar, qual furtivo caminheiro em casa de penhores, o defeito de calhar em tal situação, que os indigenas, eloquentemente louvaminheiros para os seus temas de belezas, raro lá trepam a não sêr numa tôrpe mascarada de folgança e vinhaça em honra do rei ou em louvôr do Papa.

E porque venha, já digo que no meu pensamento talvez apenas, como a talho de foice, sempre notarei que a mais ignara medicina jámais encontrou de mais supinamente moliérêsco para uma morte fatal que o estúpido aconselhar desta altitude para os tuberculosos. Que isto conforte a alma desalentada, enrige cansados pulmões, desinfecte o cérebro oxidado de canseiras, tonifique as anemias do côrpo e as crispadas irritações neurasténicas— vá que é verdade. Mas para tuberculosos? aqui, com desigualdades bruscas de temperatura que, sendo uma duche para os estropiados, são o fermento, ilusório e dôce nos arrancos asmáticos, mas impiedôso, e brutal para os bacilus escavando as cavernas! Hameleticamente, se puderia preguntar quem, assim, algum dia voltou curado, a não sêr no terno repouso do esquife, com sua doença em grau de comprovada virulência, destas paragens? E o caso é tanto mais importante quanto certamente ocorre frisar que a assassina pecha escorraça, mas a sério e a valer, quem algum dia se atreva a pensar em vir aqui, não de longada mas para acoitar o turbilhão de desespêros do pensamento ou os biliosos sobresaltos da carne. A medida assim isoladamente: o dizer a certo viajeiro retire-se, não é facil de tomar, mas perfeitamente se integra no pobresinho plano que a nós e a tôdos surge quando, para além da expansiva opulência das palavras, um dia nos pômos, contrictos, a pensar no que deveria sêr e será ainda êste montão de rochas num dantêsco, infernal conjuncto de suprema beleza abrindo os olhos de alto para as misérias da terra, e quasi alcançando tatejar o seio azul do céu.

*Remy de Gourmont*

## (7) A dissociação das ideas

O magico era o bom feiticeiro: pois, se assim não fôra, como seria suspeito de magia um homem da sciência e da santidade de Alberto o Grande? O soldado que seguia e o soldado que combatia Joana d'Arc, feiticeira ou magica, faziam dela, muito provavelmente, uma idea identica na sua temivel obscuridade. Mas se os inglêses gritavam o nome de feiticeira, os francêses calavam o nome de magica, talvez pela mesma causa que protegeu durante tanto tempo, através de maravilhosas aventuras, o usurpador Tan Kiang, como é referido no admirável *Dragon impérial* de Judith Gautier.

Que idea formava, naquela época, cada classe da sociedade do soldado? Não haveria na resposta a esta pergunta um curso inteiro de história? Aproximando-nos da época actual, em que momento se ligaram, na generalidade dos espiritos, a idea de honra e a idea militar? E' uma sobrevivência da concepção aristocrática do exército? A associação formou-se após os acontecimentos de ha trinta anos (1) quando o pôvo exaltava o soldado para a si próprio se encorajar?

A idea de honra contem muitas outras: as ideas de bravura, de desinteresse, de disciplina, de sacrificio, de heroismo, de probidade, de lealdade, de franquêza, de bom humôr, de denôdo, de simplicidade, etc. Encontramos nesta palavra o resumo das qualidades de que a raça francêsa se crê a expressão. Determinar a sua origem seria pois determinar, por isso mesmo, a época em que a França começou a julgar-se a sintese de tôdas as virtudes fortes. O militar conservou em França, não obstante recentes objeções, o próprio tipo do homem de honra. As duas ideas uniram se enérgicamente; formam uma verdade que só pode sêr contestada na hora actual por espiritos duma autoridade mediocre ou duma sinceridade duvidósa. A sua dissociação está assim muito pouco adiantada, se pensarmos na totalidade da nação Todavia foi, pelo menos um minuto, o minuto psicológico, perfeitamente operada em alguns cérebros Houve, sôb o ponto de vista intelectual, um esfôrço considerável de abstração, que não póde deixar de admirar-se quando se vê friamente funcionar a maquina cerebral. Sem dúvida o resultado atingido não foi o producto dum raciocinio normal; foi num acceso de febre que a dissociação se fez; foi inconsciente, foi momentanea, mas deu-se e é o importante para o observadôr. A idea de honra com tôdos os sub-intendidos separou-se da idea militar, que era a idea de facto, a idea fêmea apta a receber tôdos os qualificativos, e notou-se que, se entre elas havia uma certa relação lógica, essa relação não era necessária. Aqui o ponto decisivo. Uma verdade morre lógo que se verifica que as relações que ligam os seus elementos são relações de hábito e não de necessidade; e como a morte duma verdade é um grande beneficio para os homens, a dissociação referida seria muito importante se fôsse definitiva, se ficasse estável. Infelizmente, depois dêste esfôrço para a idea pura, os velhos hábitos mentais voltaram a dominar. O antigo elemento qualificativo foi lógo substituido por um elemento quasi nôvo, menos lógico que o antigo e menos necessário. Pareceu que a operação abortára. A associação de ideas refazia-se, identica á precedente, embôra um dos elementos estivesse voltado como uma luva velha: em vez de honra puzeram deshonra, com tôdas as ideas adventicias do antigo elemento qne eram agora cobardia, traição, indisciplina, falsidade, duplicidade, maldade, etc. Esta nova associação de ideas pode têr um valôr destructivo, não oferece nenhum interesse intelectual.

*O cantor refere se á guerra de 1870*

*(Continúa.)*

### Afogados e asphyxiados

Publicamos abaixo as instrucções do dr. Marshal, para chamar á vida os afogados ou asphyxiados.

Julgamos com isso fazer um bom serviço á humanidade, combatendo um prejuizo que é causa de não se salvarem muitas vidas.

Geralmente quando se retira da agua um desgraçado, se não se lhe conhecer a respiração ou pulsação, é considerado morto, o que algumas vezes é engano, assim como pôr uma pessoa de pés ao ar promove muitas vezes a asphyxia.

As instrucções são as seguintes:

Deita-se o enfermo de bruços. Segura-se-lhe a cabeça, e coloca-se um travesseiro debaixo do peito.

Desabotoa-se, ou desata-se tudo que possa causar o menor constrangimento a qualquer parte do corpo.

Limpa-se o interior da boca, do nariz e das orelhas, se contiverem estas areias ou lodo.

Faz-se pressão com ambas as mãos, e ao mesmo tempo, sobre as costas, por baixo das espaduas, para expelir o ar dos pulmões. Vira-se devagar o corpo sobre um dos lados; e pouco depois volta-se rapidamente para tomar a primeira posição (deitado sobre o ventre). Conta-se até quatro segundos, e repete-se a operação, voltando o corpo sobre o lado oposto, fazendo sempre pressão sobre as costas, abaixo das espaduas, para respirar.

Muda-se a roupa molhada para outra bem seca. Esfrega-se o corpo ligeira e rapidamente com panos de lã secos, dos pés para a cabeça.

Deve insistir-se, sem interrução, neste tratamento durante uma hora, se preciso fôr. Não se deve admitir aglomeração de gente, e devem abrir-se todas as janelas e portas para haver a maxima ventilação e renovação do ar.

# NOTICIÓSA

## Cooperativas

São ainda as cooperativas o único meio que se descobre capaz de atenuar algum tanto as aflições duma vida carissima, como a que vimos atravessando e ameaça demorar-se para nosso flagelo.

Como assim é, alguns cavalheiros, e dentre êles os nossos amigos, snrs. Guilhermino Augusto Barreira, Joaquim Penafort Lisboa e Guilhermino Alberto Rodrigues, tomaram a iniciativa da fundação duma cooperativa de géneros alimenticios, nesta cidade, mostrando-se verdadeiramente empenhados na questão, que em breve contam vêr resolvida, tornando-se um facto.

O capital será convertido em acções de 5$00 cada uma, não podendo cada acionionista têr mais de 10 ações.

Foram pedidos para o Pôrto, Vila Nova de Gaia e Coimbra, os estatutos ou regulamentos de cooperativas naquelas terras existentes e em estado florescente.

Conjuguem-se os esforços e que essa cooperativa ou cooperativas venham á realidade.

*

## Expedicionários

Vindo no comboio da manhã de ontem, chegou a esta cidade, o contingente de infantaria 20, que em Outubro do ano findo fês parte da expedição a Angola.

Aguardava-o na estação do Caminho de ferro, a oficialidade, sargentos, e mais militares com a respectiva banda de música, sendo-lhe feita uma carinhosa recepção por parte dos militares e do pôvo.

Dirigiram-se ao quartel do propôsto debaixo de fórma, tocando a banda de música.

*

## No liceu

Resultado dos exames de admissão á 2.ª classe:

Dia 16 — ap.: Kirma Kay Neto Sousa, 10 val.; Joaquim Neto de Sousa. 10 val.; Martinho Eduardo Faria, 17 val.; Rui de Magalhães Carneiro Sá Zagalo, 14 val. Idem á 3.ª classe—Ap.: Luis José Cardoso de Menezes de Melo Breiner, 13 val.; Manoel Albuquerque Esteves, 12 val.; Manoel Cumbrera Correia, 14 val.; Manoel Soares Moreira, 13 val.; Mario Pinto Barbosa, 14 val.

Dia 17—Curso geral (1.ª secção) Ap.: Mario Nuno Pinto Barbosa, 14 val.; Mario Santos Figueiredo, 12 val.; Norberto Leite de Campos 11 val; Saturnino Cardoso e Silva, 12 val.; Rep.; 1.

Dia 18—Admissão á 3.ª Classe —Ap.: Antonio Santos Castanheira, 13 val.; Augusto Leite Castro, 14 val.

*

## Instrucção primária

Podem, desde já, ser requesitadas as certidões dos exames de instrucção primária 2.º grau. Os requerimentos devem ser entregues na secretaria da Inspecção do Circulo Escolar, á rua de Francisco Agra, repartição que se acha aberta, todos os dias uteis, das 10 ás 17 horas.

*

## Aos Caçadores

A direcção do Club de Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães, previne de que procede judicialmente contra todos os infractores do regulamento e leis vigentes sobre caça.

Do mesmo modo procederá contra todos aquelles que em qualquer ocasião, mesmo no *defeso*, se façam acompanhar da espingarda sem a competente licença de uso e porte de arma, passada pela autoridade administrativa.

Mais previne de que, segundo a lei n.º 484, publicada no «Diario do Governo» n.º 31, 1.ª serie, de 29 de Fevereiro do corrente ano, fica proibido o emprego do furão na caça dos coelhos.

*

## Falecimentos

Em Vilarinho, freguesia de Gonça, faleceu a sr.ª D. Ana Amélia de Almeida Ferreira, irmã do sr. António Augusto de Almeida Ferreira, e cunhada do sr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães.

*

Tambem faleceu, nesta cidade, o sr. António das Neves Guimarães, filho do sr. Agostinho das Neves Guimarães, negociante.

*

Na Foz do Douro, onde actualmente residia, faleceu na quarta-feira, á tarde, o nosso conterraneo, sr. José Joaquim de Oliveira, que por muito tempo exerceu o cargo de escrivão de direito nesta comarca, e era irmão do sr. João Joaquim de Oliveira Bastos, tambem escrivão de direito, e tio dos nossos amigos, snrs. drs. José e João de Oliveira Bastos.

Aos doridos e particularmente ao nosso amigo dr. João de Oliveira Bastos, a expressão do nosso sentimento.

*

## Convite

Por ordem da Secretaria da Guerra, é feito convite ás praças licenceadas e de reserva para, se quizerem, prestar serviços de automovel nas unidades a mobilisar.

As que aceitarem devem apresentar as suas declarações nas secretarias dos regimentos a que pertencem, até o dia 28 do corrente mês.

*

## Estancia da Penha

A Comissão Executiva da Câmara Municipal, resolveu anunciar a arrematação para as obras de construção e terraplanagem do último lanço da estrada da Penha, sôb a base de licitação—2:500$00.

*

## Carteira

Em goso de licença, está nesta cidade, o nosso amigo sr. Alvaro da Silva Penafort, escrivão de direito em Celorico de Basto.

*

Foi promovido a aspirante medico-veterinario, o sr. Artur Gomes Alves, filho do sr. José Maria Gomes Alves, chefe da Secretaria da Camara Municipal.

*

Ha amanhã no quartel de infantaria 20, para a escola de recrutas, já pronta da instrucção, o juramento de bandeira, com as solenidades do estilo.

*

Foi nomeada, precedendo concurso, professora da escola primária de S. Tomé de Abação, a sr.ª D. Quiteria Jesus Monteiro, de Fafe.

*

Está gravemente enfermo o nosso amigo, sr. Manuel Ribeiro de Sousa Mascarenhas, escrivão de direito nesta comarca.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.


**LIÇÕES DE GUITARRA**

POR

JOSÉ AFONSO

Rua de Santa Maria 9


## Câmara Municipal de Guimarães

Sessão de 18 de Agosto de 1916

Aos 18 dias do mês de Agosto de 1916, pela 21 horas, reuniu a Comissão Executiva da Camara Municipal, sob a presidencia do cidadão Mariano Felgueiras, secretariado pelo cidadão José Fernandes Guimarães, achando-se presentes os cidadãos Julio Cardoso, Martins Pereira, Joaquim Cardoso Guimarães e Antonio José Ribeiro, e depois de lida e aprovada a acta da sessão foi pelo cidadão presidente declarada aberta a sessão.

### BALANÇO

Ficou inteirada do balanço dado pelo tesoureiro municipal, relativo á semana finda, que acusa os seguintes saldos.

| | |
|---|---|
| Em deposito na Caixa Económica | 8:000$48 |
| Em deposito na Caixa Geral | 4:482$30 |
| Em dinheiro no cofre | 3:339$91 |
| Total—Esc. | 16:822$69 |

### OFICIOS

Do cidadão Administrador do Concelho, António Caires Pinto de Moduleira, comunicando que desde o dia 17 do corrente mês entra no goso de uma licença de 30 dias e convidando o sr. Presidente da Comissão Executiva a assumir as funções daquele cargo, conforme o preceituado no art.º 26 da Lei n.º 621 de 23 de Junho ultimo. Inteirada.

—Do cidadão Inspector Primário, dêste concelho, enviando a folha de vencimentos e despesas com o serviço dos exames do 1.º grau, dêste concelho e solicitando o seu pagamento.

Envia mais uma nota das escolas que proposeram alunos para êste exame, sendo os alunos admitidos em numero de 344. Inteirada e autoriza o pagamento.

—Do mesmo, enviando o processo do concurso para o provimento da escola mixta da freguesia de S. Tomé de Abação, anunciada no «Diário do Govêrno» n.º 179, de 21 de Julho findo, sendo apenas concorrente Quitéria de Jesus Martins, a fim da Camara fazer a nomeação competente. Inteirada.

### DELIBERAÇÕES

A Comissão usando da faculdade que a Lei lhe confere, e cumprindo todas as formalidades legais, nomeou professora da escola mixta de S. Tomé de Abação, a única concorrente D. Quitéria de Jesus Martins, professora da escola mixta da freguesia de Arnozela, Fafe, a qual pertence a 1.ª classe.

—Do Sub chefe dos impostos municipais, comunicando que os guardas barreiras da Estrada de Fafe, António da Silva Martins, faleceu no dia 4 dêste mês e o da Avenida Miguel Bombarda pediu a sua demissão, solicitando, por isso, o preenchimento daquelas vagas. Cumpridas todas as formalidades legais a Comissão nomeou, por maioria para guarda barreira da Estrada de Fafe, o cidadão Joaquim da Silva, e para a Avenida Miguel Bombarda, por unanimidade, Manoel José de Sousa. Resolveu mais que destas nomeações se dê conhecimento á Repartição dos Impostos Municipais.

—Do Chefe da Secretaria da Câmara, participando que o empregado extraordinario, Manoel Joaquim da Silva, se lhe dirigiu pouco respeitosamente, entregando-lhe uma ordem de pagamento que a seu favor foi expedida, proveniente de serões, dizendo que a não aceitava por não representar o valôr do seu trabalho. Inteirado, resolvendo impôr-lhe o castigo da perda de 3 dias de vencimento.

—Autorizou a canalização de agua a João Paulo da Silva, concedeu salarios por mais seis mêses as diversas amas creadeiras; concedeu diversos subsidios de latação e deferiu licenças de caça conforme os requerimentos apresentados.

—Aprovou o projecto e orçamento para a construção dum aqueduto na Estrada Municipal de Guimarães á Penha, no lanço da Costa a S. Roque, orçado na quantia de 49$00 escudos.

—Deliberou anunciar a praça para a obra de construção e terraplnagem do lanço de S. Tiago á Penha, perfis n.os 243 e 363, na extensão de 64,50m, sob a base de licitação de 2:500$00.

—Deliberou prorogar por mais um ano a concessão de ocupação de terreno para estabelecimentos temporários na Praça da República, povoação de Vizela.

### PROPOSTA

Que no dia 14 de Junho do corrente ano foi arrematada em hasta pública, por Joaquim Ferreira Vinhas, de S. Martinho de Sande, dêste concelho, a obra de construção do Matadouro Municipal das Taipas, pela quantia de 1.779$00 escudos.

Considerando que o arrematante tendo assinado o necessário contracto (auto de arrematação), existente no processo de arrematação que se organizou se obrigou a concluir a obra arrematada no praso de 5 mêses a contar do 1 de Agosto de 1915, obrigação que não cumpriu;

Considerando que a Comissão Executiva da Câmara, em sua sessão realisada no dia 28 do corrente ano, deliberou notificar o arrematante referido, Joaquim Ferreira Vinhas, a concluir a aludida obra até ao dia 30 de Junho dêste ano, sôb pena de recisão do respectivo contracto, com a penalidade imposta nas condições que fazem parte integrante do processo de arrematação, deliberação que foi legalmente notificada ao arrematante no dia 30 de Abril, dêste ano e que o mesmo não cumpriu;

Considerando, finalmente, que da não conclusão desta obra advêem grandes prejuizos para o municipio, resolve que o respectivo contracto seja imediatamente rescindido por falta de cumprimento da clausula e condições impostas no mesmo e que nos precisos termos das clausulas e condições gerais de empreitada e fornecimento de Obras Publicas, de 9 de Maio de 1906 e demais legislação aplicavel, se proceda á conclusão de obra de construção do aludido Matadouro, directamente pela Câmara, por conta do arrematante, nos termos do art.º 62 das clausulas citadas.

Posta á discussão foi aprovada por unanimidade.

Autorizou diversos pagamentos.

Sendo 23 horas foi encerrada a sessão.

## Agradecimento

**João Alves da Silva Cosme**

Sua esposa e familia julgam ter agradecido a todas as pessoas que os acompanharam na sua dor, assistiram aos funeraes, e que prestaram valiosos serviços por occasião do desastre do saudoso extinto, mas podendo dar-se qualquer falta involuntaria veem por este meio reparal-a patenteando a todos o seu eterno reconhecimento.

Guimarães, 25 d'Agosto de 1916.

## ARRENDAMENTO

(1.ª publicação)

A Comissão Concelhia d'Administração dos Bens Eclesiasticos em Guimarães;

Faz saber que no dia 1 de outubro proximo, ás 12 horas, na administração d'este concelho, são arrendados em hasta publica, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passaes e residencias das freguesias seguintes.

| | |
|---|---|
| Caldas (S. João) | 56$00 |
| Caldas (S. Miguel) | 60$00 |
| Fermentões | 10$00 |
| Mesão Frio | 50$00 |
| Vizela (S. Faustino) | 80$00 |

Guimarães, 24 d'Agosto de 1916.

O Presidente da Comissão

*Abel Vasconcelos Cardoso.*

# ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

**Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sodicas e cálcicas) cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais,** *radioactivas*

**AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÊLE**

**Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e gênito-urinario; reumatismo; manifestações artriticas e sifiliticas**

**Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica**

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

EPOCA TERMAL — 1 de Maio a 30 de Outubro

# FARMÁCIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

Ao Ex.mo corpo clínico
AOS SEUS AMIGOS
Ao público em geral

Participam-no

*Manoel Jesus de Sousa & C.ª*

"PROSPERIDADE"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

## AOS FUMADORES

CIGARROS DO PARÁ

Finissimos d'aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos proprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na séde da agencia—Mercearia traz de S. Paio Rua Dr. Avelino Germano 45—Guimarães.

DESCONTO AOS REVENDEDORES

## DEPOSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.
Completo sortido em molduras para quadros.
Papel para forrar casas.
Azulejos e mosaicos.
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

**Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.sr**

78, R. da Rpublica—Guimaraes

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)


*Ao Cidadão*


**Internato Municipal de Guimarães**

**Direcção e administração autónomas**

Instrução primária

Instrução secundária

Música—Pintura.



O REPUBLICANO

Propridade do Centro Democrático Vimaranense

Publica-se aos sábados)

| Preço da assinatura | | Preços das publicações | |
|---|---|---|---|
| Ano | 1$20 cent. | Anúncios e comunicados, por linha | 4 cent |
| Semestre | $00 » | Repetição, por linha | 2 » |
| Brazil, ano (moeda forte) | 2$50 » | Permanentes, contracto convencional. | |
| Numero avulso | $03 » | Anuncios, não judiciais, para os srs assinantes abatimento de 25 % | |